



Transcrição Aula 4 - Violências e Pessoas LGBT: Desafios para a Saúde Coletiva - gravação de  
Marcos Cláudio Signorelli

Olá. Eu sou o professor Marcos Signorelli, da Universidade Federal do Paraná, e nessa vídeo aula iremos abordar algumas das particularidades em torno da violência contra pessoas LGBT's, que são as pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Refletiremos sobre os impactos dessas manifestações violentas na vida e saúde dessas pessoas, e também aprenderemos um pouco sobre aspectos do atendimento em saúde coletiva desse grupo. Primeiramente, é importante conceituar a violência. A violência é um problema social complexo e polissêmico, ou seja, possui muitos significados. Quando falamos de violência, geralmente utilizamos o termo no singular, para nos referirmos à questão da violência. Ela é uma questão social. Entretanto, a violência se materializa muito frequentemente sob diferentes formas, seja ela física ou psicológica, por exemplo. Por isso, é comum utilizar o termo no plural, referindo-se às distintas modalidades de violências, que geralmente acontecem concomitantemente, ou seja, ao mesmo tempo. Nessa apresentação, trazemos o conceito de violência proposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2002. A violência, então, é definida pela OMS como "uso intencional da força ou poder em forma de ameaça ou efetivamente contra si mesmo, outra pessoa, OU grupo ou comunidade, com grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações".

Portanto, a violência pode manifestar-se contra si mesmo, contra outra pessoa ou grupo, e, por ser um tema complexo, a violência não é objeto próprio de nenhum setor específico, porém ela se torna um tema mais ligado à área da saúde, por estar associada à qualidade de vida, pelas lesões físicas, psíquicas e morais que ela acarreta e também pelas exigências de atenção e cuidados por parte dos serviços. Com relação à tipologia da violência, ou seja, os tipos de violência, a OMS propõe três categorias: a primeira é denominada **auto infligida**, ou também chamada **autoprovocada**. Esse tipo de violência é quando a própria pessoa pratica um ato violento contra ela mesma. Como exemplos, destacam-se as autimutilações e o suicídio, inclusive as suas tentativas. Tanto as tentativas como as execuções de suicídio são mais prevalentes em pessoas LGBT quando comparadas a pessoas não-LGBT. As pessoas LGBT são cerca de 5x mais suscetíveis a cometer suicídio do que as pessoas não-LGBT, e esse é um aspecto muito importante para profissionais que atuam na saúde coletiva, pois devem estar atentos aos sinais, buscando prevenir o suicídio. O segundo tipo de violência é a violência **interpessoal**. Esse tipo de violência consiste em atos violentos que uma pessoa pratica contra a outra, ou seja, entre

pessoas, portanto interpessoal. Esse tipo de violência pode acontecer tanto nas ruas, por meio de agressões, assaltos, sequestros ou homicídios, sendo o homicídio o ápice dessa forma de violência. É comum pessoas LGBT sofrerem esse tipo de agressão nas ruas, pelo simples fato de não corresponderem a um ideal, ou a norma de masculinidade ou feminilidade esperada pela sociedade. A violência interpessoal pode também acontecer dentro de casa, e nesse caso é denominada de violência **doméstica**. Em muitas situações, as primeiras vivências de violência que as pessoas LGBT sofrem ocorrem dentro de casa, por parte dos pais, dos padrastos, dos irmãos, que muitas vezes não aceitam ou não respeitam a sua orientação sexual ou a sua identidade de gênero.

O terceiro tipo de violência é a violência **coletiva**, que acomete grupos ou coletividades da população, seja por conflitos armados, por guerras ou chacinas, e pode também acometer pessoas LGBT, embora seja menos comum, mas tem um grande potencial destruidor. Um exemplo emblemático recente foi o assassinato em massa que aconteceu em uma casa noturna na cidade de Orlando, nos Estados Unidos, em 2016, que vitimou dezenas de jovens LGBT que foram assassinados.

Quanto à natureza da violência, ela pode ser classificada como violência **física**, que é quando se manifesta por meio de socos, pontapés, tapas, empurrões, enfim, qualquer ato que agrida a integridade física da pessoa. Ela pode ser também **psicológica**, ou também denominada violência **moral**, que inclui agressão psicológica, a humilhação ou ainda a violência verbal e o xingamento, e que muitas vezes tem um potencial lesivo tão severo quanto a violência física, pois afeta autoestima e também questões da saúde mental. Outro tipo é a violência **sexual**, que consiste em qualquer ato que atente contra as questões sexuais da pessoa. Um exemplo emblemático é o estupro, ou o estabelecimento de relações sexuais não consentidas. Quando ocorrer o estupro, o atendimento em saúde deve seguir os protocolos já estabelecidos de violência sexual, que incluem a profilaxia de emergência para infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e medidas anticoncepcionais, se for o caso. Já a **privação** ou **negligência** se manifesta por meio de situações de abandono ou de privação de liberdade, situações de cárcere privado ou ainda atitudes proibitivas de estabelecimento de relações: privação de deixar o outro estudar, trabalhar e, enfim, levar sua vida normalmente. E, por fim, o último tipo de violência é a violência **patrimonial**, ou também chamada de violência **econômica**. Esse tipo ocorre quando o agressor confisca o dinheiro da vítima ou seus bens materiais, ou então quando quebra algum de seus pertences ou retém seus documentos. Isso faz com que a vítima não possa obter ajuda, por exemplo, em serviços de apoio da rede, pois não dispõe de seus documentos. Ou, se não dispõe de recursos, por exemplo, para usar o transporte público e chegar até os serviços da rede de apoio, tornando-a, muitas vezes, dependente financeiramente de seu agressor.

Algumas particularidades a respeito das violências contra pessoas LGBT: primeiramente, cabe ressaltar que essas violências são baseadas no gênero. As questões de gênero são construtos

sociais que revelam as assimetrias das relações de poder que existem entre homens e mulheres, entre heterossexuais e homossexuais, e assim por diante. Essas diferenças foram construídas ao longo da história, e são, portanto, construções histórico sociais, e que envolvem relações de poder - ou melhor - de desigualdade de poder. As pessoas LGBT também são vitimizadas pela violência de gênero, uma vez que heterossexuais não sofrem pauladas ou pedradas nas ruas pelo simples fato de serem heterossexuais. Já as LGBT sofrem desde piadas, chacotas, até agressões físicas e inclusive são assassinadas pelo simples fato de serem LGBT.

Atualmente, se utiliza o termo **LGBTfobia** para nomear essa forma de agressão, raiva, nojo, ódio que se manifesta contra pessoas LGBT. Veja que, mesmo recebendo o nome de fobia, não é categorizado como um medo que se tem das pessoas LGBT, e sim uma aversão carregada de preconceito e ódio contra LGBT. O termo LGBTfobia é, portanto, um termo "guarda-chuva" que vem sendo proposto em contraponto aos termos homofobia, que é aversão a gays e homossexuais; lesbofobia, que é contra lésbicas; bifobia, contra bissexuais; e transfobia, que é aversão às pessoas trans, que são travestis e transexuais.

As manifestações LGBTfóbicas são motivadas pelo simples fato de a pessoa ser LGBT, ou seja: a pessoa não estava provocando ninguém, ameaçando ninguém ou roubando ninguém, mas só pelo fato de ela existir ela sofre a violência LGBTfóbica por indivíduos ou por grupos carregados de ódio, que destinam a sua raiva muitas vezes à primeira pessoa LGBT que vêem pela frente. A LGBTfobia é análoga ao racismo, que consiste no ódio que algumas pessoas sentem pelo simples fato da cor da pele da outra pessoa.

Os crimes LGBTfóbicos são quase sempre carregados de muita crueldade. Quando se trata de um assassinato, não atiram apenas para matar, mas sim para desfigurar. Esquartejam, cortam o corpo em pedacinhos. Furam os olhos, costuram os órgãos genitais dentro da boca, torturam... enfim: numa nítida demonstração de poder, castigo, dominação e submissão. As manifestações LGBTfóbicas podem incluir desde piadinhas e chacotas, muito comum contra pessoas LGBT em idade escolar, até o chamado estupro corretivo, que é praticado contra as mulheres lésbicas. O estupro corretivo é a forma de estupro em que o homem acredita que, estuprando a mulher lésbica, irá "curá-la", corrigir a sua homossexualidade, como se isso fosse uma doença. O estuprador acredita que era virou lésbica pois não teve uma relação sexual com um homem "macho de verdade".

É interessante observar que a LGBTfobia não ataca somente pessoas LGBT. É cada vez mais comum pessoas que não são LGBT mas são confundidas com LGBT e por isso apanham. Há um caso muito emblemático de um pai e um filho que andavam abraçados em uma festa no interior de São Paulo, em uma demonstração fraternal de afeto. Foi então que um grupo de homofóbicos achou que os dois eram um casal gay, e bateram nos dois, inclusive arrancando a orelha de um deles. Portanto, qualquer pessoa pode ser vítima de LGBTfobia, até mesmo pessoas heterossexuais, quando são confundidas com pessoas LGBT.

Por fim, trago o mapa de homicídios de pessoas LGBT no mundo: o Brasil é o país que mais assassina pessoas LGBT no planeta, concentrando quase a metade dos homicídios de LGBT no mundo. Nesse mapa, constam apenas os assassinatos de pessoas trans, incluindo travestis e transsexuais. Infelizmente, o Brasil é campeão no assassinato de pessoas trans. Hoje, a expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil é de cerca de 35 anos, enquanto da população geral é de mais de 70 anos. Portanto, os desdobramentos das diferentes manifestações de violência repercutem diretamente na saúde dessas pessoas. É papel do sistema de saúde, e principalmente dos profissionais da saúde, ajudar a combater, reduzir e prevenir esse problema. Muito obrigado.